



# Para não desistir da vida



**A**lain Delon vai morrer. Aliás, todos vamos. Mas o ator francês quer escolher a hora de partir desta para a melhor, desafiando o destino. Já fez até um bilhete de despedida, nos moldes dos que são feitos pelos condenados ou suicidas. Delon se condenou por sofrer de velhice e vai se colocar no paredão da eutanásia.

Sem julgamento, não é fácil envelhecer; mas como dizem amigos de idade mais vetusta, a alternativa é pior. São pessoas que continuam de bem com a vida. Encontram ânimo para levantar da cama todos os dias para, depois da hidroginástica, caminhar algumas centenas de metros até a banca do Cordeiro para uma conversa fiada e, quem sabe, um copinho de cerveja até chegar a hora do almoço. Os mais serelepes voltam à tarde.

É uma vida mais contemplativa, embora sejam todos bem informados; os assuntos do dia estão sempre em pauta. Mas são senhores ativos, dispostos a encarar a vida, senão com o vigor de antes, com mais altivez, sabedoria e até alguma rabugice, porque ninguém é de ferro.

Nem todo velho é inteligente, sagaz ou bom conselheiro. Como já lembrava Ruy Barbosa, “não se deixem enganar pelos cabelos brancos,

pois os canalhas também envelhecem” — e não mudam, pode-se completar. Mas eles têm sempre algo a oferecer, seja pela longevidade, seja por não terem mais nada a provar para ninguém.

Delon desistiu da vida. O passado de glamour cobrou seu preço e ele não soube enfrentar a vida depois de encerrado o sex appeal como sua conterrânea Brigitte Bardot, mais uma prova de que as mulheres têm muito a nos ensinar. Até os homens se rendiam à beleza de Delon em filmes como *O sol por testemunha*, que o mostrou para o mundo. Mas Bardot sempre foi mais encantadora, especialmente em *...E Deus Criou a Mulher*.

(Bardot de vez em quando pisa na bola, mas mostra vitalidade quando defende os animais, mesmo ofendendo povos inteiros como selvagens. Como ocorreu com os habitantes da ilha de Reunião, no Pacífico, classificados como selvagens por, alegadamente, usarem cães e gatos como isca na pesca. Mas isso é outra história e só mostra que ela, como os meus amigos do Lago Norte, encontrou um objetivo na tal melhor idade).

Aqui em Brasília e recentemente, um amigo foi ao médico para fazer um checkup da cabeça; andava zozó, esquecido, com dificuldade de pensar. Sintomas de idade avançada. E como tem a sogra

em casa com Alzheimer achou melhor se prevenir.

Fez exames, chapas, testes e não achava nada, até que lhe foi recomendado um outro médico, com consultório no Conjunto Nacional e fama de gênio, incluindo a porção de louco que esses carregam. O especialista olhou todos os papéis, filmes, mirou meu amigo apertando os olhos, girando a cabeça, pensativo, até que deu o diagnóstico.

Explicou tecnicamente o que estava se passando com palavras que um leigo não consegue entender. E enquanto falava, não franzia o cenho, nenhum esgar ou qualquer demonstração de empatia. Era um homem sem tato falando de uma situação gravíssima. O amigo fez cara de quem não entendia nada.

A cara de enfado do doutor não mudou. Mas a explicação assumiu um rumo mais ríspido:

– Você já viu um bolo queimado? Pois é assim que o seu cérebro está. Tem algum miolo por dentro, mas a casca está dura, torrada.

Meu amigo entendeu. Não sabia se ficava indignado com a rudeza do médico, com a gravidade do diagnóstico ou com a sutil insinuação que ele tinha miolo mole. Mas não quer saber de desistir da vida: vai procurar um médico com melhor noção de culinária.